GUERRA NO LESTE EUROPEU

Paramilitares reivindicam conquista de Bakhmut

Líder do grupo de mercenários russos Wagner anuncia em rede social a tomada "legal" de cidade no leste da Ucrânia. Captura ocorre no dia do primeiro aniversário do massacre de Bucha, marcado por série de bombardeios

AFP



Jovem caminha em meio à destruição na cidade ucraniana de Kostyantynivka, na região de Donetsk, atingida por mísseis: seis mortos

Campo de batalha mais sangrento da Europa desde a Segunda Guerra Mundial, a pequena cidade industrial de Bakhmut, no leste da Ucrânia, foi tomada pelo grupo paramilitar russo Wagner na manhã de hoje (noite de domingo, em Brasília). Em seu canal do Telegram, o líder dos mercenários, Yevgeny Prigozhin, afirmou que o prédio administrativo estava sob controle de Moscou. "No sentido legal, Bakhmut foi tomada. O inimigo está concentrado nas áreas ocidentais", afirmou. A disputa pela localidade dura quase seis meses. Em 20 de março, Prigozhin afirmou que controlava 70% do município.

Em um vídeo que acompanhou a postagem de ontem, o paramilitar surge segurando a bandeira russa com uma inscrição em homenagem ao blogueiro militar russo Vladlen Tatarsky, morto em um ataque a bomba em um café em São Petersburgo (**leia mais nesta página**). "Os comandantes das unidades que tomaram a prefeitura e todo o centro vão hastear essa bandeira", afirmou. "Essa é a companhia militar privada Wagner, esses são os caras que tomaram Bakhmut. Legalmente, é nossa."

Embora analistas vejam a cidade como tendo pouco valor estratégico, russos e ucranianos investiram pesadamente em sua luta por Bakhmut. A Ucrânia diz que a batalha é a chave para manter as forças russas sob controle ao longo de toda a frente oriental. Mais cedo, um comunicado do Estado-Maior do Exército ucraniano chegou a afirmar que "numerosos ataques inimigos contra Bakhmut foram repelidos". A nota comentava o ataque russo a Konstantinovka, no leste do país, que deixou seis mortos e 11 feridos.

O bombardeio ocorreu no primeiro aniversário do massacre de Bucha, quando 400 pessoas teriam sido assassinadas pelas tropas russas. "Dezesseis prédios de apartamentos, oito residências particulares, um jardim de infância, um prédio administrativo, três carros e um gasoduto foram afetados", informou o Estado-Maior do Exército. Uma equipe da agência de notícias France Presse (AFP) flagrou uma cratera no meio de um pátio residencial e janelas quebradas no térreo de dois edifícios de 14 andares. Os correspondentes também viram telhados de casas vizinhas quebrados. A polícia afirmou que foram usados seis mísseis S-300, com alcance de 100km.

Na sexta-feira, a Rússia assumiu a presidência do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU), o que Kiev chamou de "tapa na cara" da diplomacia mundial. Ontem, Zelensky criticou o bombardeio do invasor pelo Telegram. "Povo ucraniano! Paramos a maior força contra a humanidade de nosso tempo. Paramos uma força que despreza e que quer destruir tudo o que é importante para o povo", escreveu. "O inimigo está empregando não apenas combatentes do (grupo paramilitar) Wagner, mas também unidades paraquedistas profissionais. As baixas em suas fileiras, mesmo que excessivamente altas, não o detêm", acrescentou.

Comoção

Dois dias antes, ao lado dos primeiros-ministros da Croácia, Eslováquia e Eslovênia, além do presidente da Moldávia, Zelensky destacou que "o mal russo cairá". O líder ucraniano fez um longo discurso sobre o massacre de Bucha, subúrbio ao norte de Kiev que tinha 37 mil habitantes antes da guerra. Devastado, tornou-se um símbolo das atrocidades atribuídas às tropas invasoras. O governo de Zelensky estima o número de civis mortos no distrito durante a ocupação em mais de 1,4 mil, incluindo 37 crianças.

Em 2 de abril de 2022, um grupo de repórteres da France Presse entrou em Bucha e encontrou nas ruas os corpos de 20 homens com roupas de civis, um deles com as mãos amarradas nas costas, veículos carbonizados e casas destruídas. A cena comoveu o mundo.

A Ucrânia e as potências ocidentais denunciaram execuções sumárias de civis e crimes de guerra que, segundo Volodymyr Zelensky, serão "reconhecidos pelo mundo como genocídio". Moscou nega qualquer envolvimento nos assassinatos, e afirma que foi uma "encenação" ucraniana e de seus aliados.

A Rússia ainda controla mais de 18% do território ucraniano, mas o presidente ucraniano garantiu aos compatriotas que o invasor será expulso. "Libertaremos todas as nossas terras. Colocaremos a bandeira ucraniana de volta em todas as nossas cidades e vilas", disse Zelensky em um discurso sobre o aniversário do massacre. "O mal russo cairá, precisamente aqui na Ucrânia, e não poderá mais se levantar", declarou. O chefe do Exército, Valery Zaluzhny, destacou que "os soldados continuarão a lutar pela independência de nossa nação".

Até o fechamento desta edição, o presidente ucraniano não havia se manifestado sobre a alegação da guerrilha Wagner sobre a tomada de Bakhmut. Horas antes, o Estado-Maior postou no Facebook que mantinha o controle da cidade.

Blogueiro militar pró-Kremlin morre em atentado

Fervoroso defensor da invasão da Ucrânia, um conhecido blogueiro militar, Maxim Fomin, morreu ontem na explosão de um café em São Petersburgo, a 700km de Moscou. Outras 25 pessoas ficaram feridas, das quais 19 foram hospitalizadas. Em nota, o Comitê Investigativo do país informou que o incidente foi provocado por um "dispositivo de natureza desconhecida". O estabelecimento, Street Food Bar Nº1, fica próximo ao centro histórico da cidade.

Os agentes abriram uma investigação criminal por "assassinato por meios perigosos". Uma fonte citada pela agência de notícias Ria Novosti afirmou que uma mulher levou o dispositivo até o local, entregando uma caixa de presente a Fomin, mais conhecido pelo pseudônimo Vladlen Tatarsky. Uma testemunha, Alissa Smotrova, contou à agência de notícias France Presse (AFP) que assim que o blogueiro recebeu o objeto, houve a explosão. "Havia sangue, pedaços de vidro por todos os lados." A suposta assassina seria conhecida da vítima, com quem já havia se encontrado em eventos sociais, disse a imprensa russa.

Com 40 anos e nascido no Donbass, leste da Ucrânia, Fomin, era uma figura conhecida na blogosfera militar na Rússia, com mais de meio milhão de seguidores em seu canal do Telegram. Com o início da ofensiva militar, em fevereiro de 2022, ele ganhou popularidade com a publicação de vídeos de análise da situação no campo de batalha, e nos quais também dava conselhos aos soldados mobilizados.

Represálias

Em 2014, o blogueiro lutou por vários meses em milícias separatistas pró-Rússia no leste da Ucrânia, segundo a agência de notícias local Fontanka. O Ministério das Relações Exteriores da Rússia prestou homenagem a Fomin, a quem chamou de "defensor da verdade". "Os jornalistas russos sentem constantemente a ameaça de represálias do regime de Kiev", disse a porta-voz da chancelaria russa, Maria Zakharova. "É graças aos correspondentes de guerra russos que o mundo vê as imagens reais das operações e descobre o que está acontecendo na Ucrânia."

O grupo Cyber Front Z, que se descreve nas redes sociais como um agrupamento de "soldados de informação da Rússia", disse que alugou o café na noite de ontem para um evento. "Houve um ataque terrorista. Tomamos algumas medidas de segurança, mas infelizmente não foram suficientes", disse o grupo no Telegram. Um assessor da presidência ucraniana, Mykhaïlo Podoliak, reagiu rapidamente, afirmando que "o terrorismo interno (como) um instrumento de luta política interna na Rússia era apenas uma questão de tempo".

Em agosto de 2022, o FSB, o serviço de segurança russo, acusou seu contraparte ucraniano de ter matado Daria Douguina, filha de um ideólogo considerado próximo ao Kremlin, falecida na explosão de seu carro perto de Moscou. No entanto, eventos do tipo na Rússia têm sido muito raros desde o início da ofensiva militar na Ucrânia, há mais de um ano.

Telegram/Reprodução



Maxim Fomin se tornou popular com defesa do conflito

ESTADOS UNIDOS

AFP



Eleitores do ex-presidente mobilizados em Mar-a-Lago

Defensores de Trump confiantes

A dois dias do comparecimento de Donald Trump a um tribunal de Nova York, a defesa do ex-presidente americano manifestou, ontem, confiança de que a acusação de suborno contra ele não será levada adiante. O magnata republicano foi indiciado por pagar US$ 130 mil (R$ 423 mil) à estrela pornô conhecida como Tormy Daniels, em 2016, para manter silêncio sobre um suposto relacionamento entre eles.

"Esse caso nem sequer é juridicamente sólido. Na verdade, é uma piada. E não sobreviverá a uma contestação no tribunal", disse Joe Tacopina, um dos defensores de Trump, ao canal ABC. "Acho que um juiz imparcial provavelmente reconhecerá que há algo errado", destacou, por sua vez, James Trusty, outro advogado do ex-presidente, à rede Fox. "Acredito que a acusação será legalmente frágil e que haverá uma oportunidade para o juiz fazer a coisa certa", acrescentou.

As acusações contra Trump serão detalhadas amanhã. É a primeira vez na história que um ex-presidente dos Estados Unidos senta no banco dos réus. Para os dois advogados, Trump, que almeja retornar à Casa Branca nas eleições do próximo ano, é vítima de "perseguição política". Em 2020, ele tentou um segundo mandato consecutivo, mas foi derrotado pelo democrata Joe Biden.

"Se ele não fosse candidato à Presidência, não teria sido indiciado", disse Tacopina à CNN. O líder republicano de 76 anos anunciou no sábado que falará sobre o assunto às 20h15, horário local (21h15 no horário de Brasília), de sua residência em Mar-a-Lago, Flórida. Horas antes, ele deve se apresentar a um tribunal em Manhattan, Nova York, para ouvir as acusações contra ele.

O ex-presidente criticou a acusação que considera "falsa e vergonhosa". Na sexta-feira, o magnata anunciou que, após o indiciamento, arrecadou US$ 4 milhões (cerca de R$ 20,3 milhões) em 24 horas para sua campanha eleitoral. Ao longo do fim de semana, eleitores se mobilizaram em Mar-a-Lago para prestar apoio ao republicano.